

O PRIMEIRO VESTÍGIO DO CULTO DO B. NUNO NA LITURGIA CARMELITANA

Na Biblioteca Parmense da cidade de Parma (Itália), existe um breviário carmelita do século XV, que nos parece de suma importância, não somente para a história do culto litúrgico do Santo Condestável, mas também como confirmação a favor do dia 1 de Abril como data da morte.

Trata-se dos manuscritos 141 e 142 ⁽¹⁾, que juntos formam uma só obra, a saber, um breviário. Ambos os documentos foram elaborados pelo mesmo copista, um certo *frater Antonius pulsator organorum* ⁽²⁾, de cuja personalidade histórica nada nos consta.

No calendário do manuscrito 141, que, como é costume em quase todos os documentos litúrgicos, precede o breviário pró-

(1) Ms. 141 Pergam. 205×138 mm., 224 ff. numeradas (numeração recente) + 2 ff. preliminares não numeradas, em 4.^o.
2 colunas (menos o calendário); ± 30 linhas por coluna; folhas lineadas; tinta preta; iniciais douradas, vermelhas e azuis; ornamentos em diversas cores; rubricas em vermelho; miniaturas e pinturas por toda a folha; iniciais iluminadas; textos abreviados.
Encadernação recente, feita pela BIBLIOTECA REGIA PARMENSIS, da qual se encontra um timbre no lado de dentro da primeira capa; encadernação em cartão, coberto de linha vermelha. No dorso do livro em ouro: «Breviarium Canonicorum S. Sepulchri. Pars I».

Ms. 142 Como no ms. 141, com as seguintes alterações:
354 ff. numeradas (numeração recente) mas sem folhas preliminares. No dorso do livro, em ouro: «Breviarium Canonicorum S. Sepulchri. Pars II».

(2) Cfr. ms. 142, f. 1: «Incipit psalterium cum ymnis... scriptum per fratrem antonium pulsatorem organorum». Cfr. também *ibid.*, f. 354: «Frater Antonius vocatur qui me scripsit, benedicatur et gracia dei largiatur et ad gloriam paradisi collocatur».

priamente dito, encontra-se, a f. 10v, no dia 1 de Abril, a festa do nosso Beato:

«Sancti Nonii comitis et confessoris, totum duplex».

Pelo grau da festa *totum duplex*, o mais elevado da liturgia carmelitana de outrora, já se pode avaliar a pompa com que se celebrava então esta festa.

No santoral do próprio breviário não encontramos a festa, o que, porém, não é de estranhar. Explica-se facilmente pela falta dum officio próprio. Nestas circunstâncias, bastava pôr no calendário a indicação do grau da festa e da qualidade do santo — *totum duplex et confessor* — para se saber que officio se devia rezar.

Para podermos apreciar a importância deste testemunho primeiro do culto do B. Nuno, importa saber a que liturgia pertence o referido documento, onde e em que tempo foi exarado.

Não nos é possível, no âmbito restrito deste artigo, alegar todas as provas da nossa argumentação. Limitamo-nos, apenas, a dar os resultados de estudos aturados sobre as fontes e o santoral da liturgia carmelita.

Pelos dizeres, que se encontram nas costas de ambos os manuscritos ⁽³⁾, podia parecer que os documentos pertencessem aos cónegos regulares do S. Sepulcro de Jerusalém. Deve ter sido engano de quem mandou mais tarde encadernar os manuscritos. Na verdade, não há dúvida que ambos os volumes pertencem à liturgia dos carmelitas. O «incipit» de ambos os documentos é bastante claro:

Ms. 141, a f. 15: «Incipit breviarium abbreviatum... secundum consuetudinem institutionum dominici sepulchri... quem... fratres ordinis beate marie de monte carmeli deo dante tenere proposuerunt».

Ms. 142, a f. 1: «Incipit psalterium cum ymnis canticis et antiphonarum (!) Nota iuxta modum ordinis fratrum beatissime dei genitricis marie de monte carmeli secundum approbatum consuetudinem dominici sepulchri...»

(3) Cfr. nota (1).

Quem escreveu, nas costas dos dois livros, «Breviarium canonicorum sancti sepulcri», provavelmente não sabia que a liturgia dos carmelitas teve a sua origem no rito do santo sepulcro de Jerusalém.

Também o cólofan do manuscrito 142, a f. 354, não deixa dúvida:

«expliciunt suffragia seu commemoraciones sanctorum per totum annum et sic deo gracias. Et eciam totum breviarium secundum usum dominici sepulchri fratrum ordinis beate marie de monte carmeli...»

Além disto, podemos ainda alegar a constituição interna do breviário todo, que corresponde exactamente a todos os breviários carmelitas daquela época, e está baseada sobre o *Ordinale* de Sibertus de Beka. Igualmente o santoral possui todas as características do santoral carmelitano, excepto as festas próprias do lugar onde fora escrito. Interessante é ainda notar como todas as festas de N.^a Senhora são consideradas como se fossem festas de N.^a Senhora do Carmo:

«festum transfixionis sive martyrii beate virginis marie de monte carmeli...» (ms. 141, f. 188v)

«in festo purificationis beate marie virginis de monte carmeli...» (ms. 142, f. 126) etc.

Para determinar o tempo em que os manuscritos foram elaborados, atendendo somente aos indícios paleográficos, chega-se à conclusão de que pertencem ao século XV, provavelmente à segunda metade. Através do santoral, porém, é possível limitar este prazo a um período de alguns anos. De facto, sabendo dum lado em que tempo as diversas festas foram introduzidas na liturgia pelos decretos dos diversos Capítulos Gerais a esse respeito, e notando, por outro lado, a presença ou ausência de determinadas festas no santoral, não é difícil determinar o termo antes do qual e o termo depois do qual o breviário fora escrito.

Na lista que segue, pomos, em duas colunas paralelas, as festas pelas quais se pode determinar o termo «depois do qual»

e as que servem para determinar o termo «antes do qual». Entre parênteses, pomos o ano da introdução da festa ⁽⁴⁾.

<i>Festas presentes no santoral</i> (termo «depois do qual»)		<i>Festas ausentes no santoral</i> (termo «antes do qual»)	
15 Jan.	S. Mauri IX lect. (1425)	20 Jan.	SS. Fabiani et Sebastiani mrt IX lect. (1478)
6 Mart.	S. Cirili dupl. (1369, 1399, 1411, 1462)	24 Apr.	S. Honorii (1478)
14 Jun.	S. Elisei dupl. (1369, 1399, 1411, 1462)	3 Jun.	S. Erasmi (1478)
2 Jul.	Visitacio S. Marie (1393, 1420)	13 Aug.	Octave Transfiguracionis (1478)
5 Aug.	S. Marie Nivis (1393, 1420)		
7 Aug.	S. Alberti (1411, 1469)		
5 Oct.	Octave solemnes S. Michaelis (1342, 1357, 1369, 1478)		
21 Nov.	Presentacio S. Marie (1393, 1420)		
17 Dec.	S. Lazari ep <i>mrt.</i>		(1440, 1456)
7 Mart.	SS. Perpetue et Felicitatis <i>mrt conjungatarum</i>		(1440, 1456)

Assinalamos apenas as festas de maior importância para a nossa argumentação. Pela lista, verifica-se que, como extremo termo «depois do qual», devem ser tomados os anos 1440 e 1456, em que foram introduzidas as mais recentes festas deste breviário. Na ladainha de todos os santos, que se encontra no ms. 142 a f. 93v, encontramos as invocações «S. Helysee; S. Cirille, S. Alberte». Estas invocações foram ordenadas pelo capítulo geral de 1456. Com isto já fica eliminado o ano de 1440 como termo «depois do qual». O ano de 1478 como termo «antes do qual» não oferece nenhuma dificuldade, e assim já podemos estabelecer a época em que o nosso documento foi escrito: entre 1456 e 1478.

Para determinar a proveniência dos manuscritos, podemos empregar um processo análogo. Nos documentos litúrgicos medievais, muitas vezes encontram-se festas próprias dos lugares onde os livros foram feitos ou para onde, mais tarde, foram leva-

(4) Algumas festas foram decretadas por Capítulos Gerais sucessivos. Daí se explica a razão por que algumas festas têm diversos anos de instituição.

Atendemos somente àqueles decretos, que oferecem maior segurança, omitindo os decretos não autênticos.

dos. Sabendo a que lugares determinadas festas pertencem, não se tornar difícil descobrir a proveniência do dito documento.

Também os nossos manuscritos da biblioteca de Parma não disfarçam o segredo da sua origem. No calendário e santoral, encontramos as seguintes festas locais ⁽⁵⁾:

Inglaterra	Canterbury	Eduardi regis cfs. (13 Oct.)
		Eadmundi ep. cfs. (16 Nov.)
Espanha	Sevilha	Juste et Rufine virg. mrt. (17 Jul.)
	Galícia	Marine vrg. mrt. (18 Jul.)
	Compostela	Translacio S. Jacobi ap. (30 Dec.)
	Toledo	Ildefonsi ep. cfs. (23 Jan.)
Portugal	Nabância (Tomar)	Irene vrg mrt. (20 Oct.)
	Santarém	» » »
	Lisboa	Verissimi, Maxime et Julie (1 Oct.)
	Lisboa	Antonii cfs. (13 Jun.)
	Lisboa	Nonii comitis cfs. (1 Apr.)

Para maior clareza, quero notar que dei apenas atenção àquelas festas de santos que não aparecem nos outros calendários carmelitanos da mesma época, embora mais tarde fossem aceites em toda a Ordem, como aconteceu, por exemplo, com a festa de S. António.

Na lista acima transcrita, nota-se já que todas as festas locais pertencem à Península Ibérica, com excepção dos dois santos ingleses. Estes mesmos santos ingleses já os encontrei em muitos outros calendários de diversos lugares. Ainda não posso dar uma explicação satisfatória para este facto. Mas isto não afecta a nossa argumentação, uma vez que estes santos se encontram noutros calendários que certamente não pertencem à Inglaterra.

A presença simultânea de santos próprios de Espanha e Portugal explica-se, facilmente, pela vizinhança dos dois países e influência mútua na liturgia dum e doutro. Podemos, portanto, afir-

(5) Em geral, atendemos àqueles lugares, onde os referidos santos morreram ou exerceram em grande parte o seu apostolado.

Para determinar os lugares, onde os ditos santos gozaram grande veneração, usamos como fonte principal:

H. GROTEFEND: *Zeitrechnung des Deutschen Mittelalters und der Neuzeit*. 2. vol. Hannover 1891-1892
Heiligenverzeichnis, II, 2, 53-186.

mar que o documento deve pertencer à Espanha ou a Portugal. A presença dos três santos lisboetas leva-nos a concluir que se trata, realmente, dum documento dos antigos Carmelitas de Lisboa. De facto, naquela época já existia o Carmo de Lisboa. Além disso, na hipótese de o documento ser espanhol, tornar-se-ia difícil encontrar uma solução para o facto da presença da festa do B. Nuno. Nem hoje em dia o B. Nuno é tido, na Espanha, como um grande santo. Muito menos na época em que o breviário foi elaborado.

Temos, portanto, um documento litúrgico, próprio dos Carmelitas, escrito entre os anos de 1456 e 1478, em Lisboa, com a festa do B. Nuno no dia 1 de Abril. Creio não ser necessário acrescentar muito para convencer os leitores da sua importância.

Quanto ao culto litúrgico do Santo Condestável, conheço apenas um documento: a oração litúrgica, compilada pelo Infante D. Pedro ⁽⁶⁾, conservada na carta que el-Rei D. Duarte escreveu no dia 21 de Julho de 1437 (*Cód. Ashburnham 1793 da Biblioteca Laurenziana de Florença a f. 20*). De facto, é um documento contemporâneo do nosso, mas não nos é conhecido o contexto litúrgico em que se usava a dita oração. Nem sabemos se terá sido jamais usada na liturgia.

Quanto ao dia de morte, creio que o nosso documento é um argumento muito forte em favor do dia 1 de Abril. O «Dies natalis sanctorum» — ou dia da festa litúrgica — era e é sempre considerado o dia da morte, dia em que os santos nascem para o céu. Há uma outra fonte que indica o dia 1 de Abril como dia de morte do Condestável: o códice da Cartuxa de Évora, existente na Torre de Tombo com o n.º 1928. Neste manuscrito achase um «Sumário para pregar do Conde D. Nuno», que conservou o dia da Páscoa de 1431, isto é 1 de Abril, como data da morte. Este documento, porém, é posterior ao nosso.

Em vista de tudo isto creio não ser demais dizer que foram os Carmelitas os primeiros a promover o culto do S. Condestável. E hoje em dia a aspiração deles ainda é que o B. Nuno realmente seja considerado não somente como herói da Pátria mas também como santo da Igreja Universal.

P.º PASCOAL, O. Carm.

(6) Sobre este ponto, cfr. DOMINGOS MAURÍCIO GOMES DOS SANTOS, *Para a história do culto do B. Nun'Alves*, em *Brotéria*, t. 7 (1928) pp. 393-399.